

1

Por muito tempo na história as pessoas acreditaram existir em nós uma capacidade transcendental que nos emanciparia da natureza e nos faria especiais. Fomos crescendo e aprendendo que, ao contrário dos animais, nós humanos temos uma pitada de divindade, de modo que algo em nós nos dá a possibilidade de decidirmos a vida sem levar em conta os impulsos da natureza, e da nossa própria natureza, nosso corpo. Alguns diziam que isto tinha alguma coisa haver com Deus, e com o fato de termos ganhado o livre-arbítrio. Mas não seria o livre-arbítrio apenas a grande válvula de escape de Deus? Outros foram mais chiques, tiraram da cartola uma coisa a qual chamaram de “razão”. E o que não é a razão senão uma outra forma de resgatar Deus, desta vez nos transformando nos próprios deuses? Alias foi assim que ela começou, na Grécia, como algo divino. Naquela época os homens pelo menos não fingiam que acreditar no homem racional e livre não tinha nada haver com a confiança nas nossas supostas propriedades divinas. Na era moderna, tentaram tirar Deus, mas não saíram da sua sombra. Eu me esforço, mas ainda estou para achar nesta terra o primeiro ser racional a maneira dos modernos: livre e desinteressado. Não que eu negue que temos uma capacidade racional, mas não reconheço a liberdade como atributo da razão, muito menos o desinteresse. Sabe o que é desinteresse? É a ação que não tem como finalidade o bem próprio, e sim o bem do outro. É a ação cujo propósito é o outro. Pois bem, nego a possibilidade humana de pensarmos no bem do outro sem que tenhamos um interesse muito forte por trás disso. Sabe o que é liberdade? É achar que nossa essência de homem compreende a capacidade de transcender ao meio ambiente ou desobedecer as determinações das emoções do corpo. Nego aquela capacidade racional libertadora de agir contra os nossos apetites. Nego o nada de Sartre. Qual é minha essência? Minha natureza, meu corpo. Qual seu princípio? A sobrevivência do indivíduo, o interesse egoísta e egocêntrico de quem se interessa, a mania de achar que somos o centro do mundo. Em nome disto faremos qualquer coisa. Nossa relação com o mundo e os recados que recebemos dele é o que nos faz como somos, porque não há nada que nos controle para além do nosso

corpo, nem deus, nem alma, nem o pensamento ou intelecto (seja lá o que com isso se queira dizer), nem coisa alguma. O que existe é o corpo em relação com o mundo. Somos escravos do somos, sentimos e aprendemos a ser, e de todos os mecanismos que desenvolvemos para que continuemos vivendo, de preferência achando que somos tudo o que queremos ser.

O ser humano só age quando e como lhe convier dentro das suas possibilidades sociais, só age quando isto puder lhe trazer alguma vantagem ou conveniência, só age quando tiver interesse, em suma, quando tiver um bom motivo para agir. A ação desinteressada é um mito. Não reconheço em nenhuma ação humana um agir desvinculado dos nossos interesses no mundo, do dinheiro que esperamos ganhar, dos aplausos que queremos ouvir, da fama e prestígio que queremos atrair, da atenção que queremos receber. As pessoas só fazem o que fazem porque esperam um prêmio por isto, um torrão de açúcar, uma parte do seu ser contemplada, preenchida, satisfeita. Toda a ação tem um motivo egoísta por trás, e quem diz o contrário está mentindo. Toda a ação do homem busca antes de qualquer coisa uma auto-satisfação pessoal, por mais que ela se esconda atrás de uma máscara humanista, filantrópica, purificada, desinteressada.

“Eu não ajo por mim, ajo pelo outro”. Ai está a maior mentira do século. Toda a ação começa e termina no indivíduo, e é apenas por seu próprio bem-estar que as pessoas atuam, ou no mínimo pelo que pensam ser o melhor para elas. “Se meu bem-estar não está em questão, quero que se danem todos aqueles que eventualmente possam se dar mal com minha postura”. Ou: “o que eu tenho a ganhar com isto? Nada? Então que se exploda o mundo.” São estas frases que diria alguém sincero, se na terra houvesse um. Esta é a natureza humana: buscamos sempre fazer o que nos interessa, sempre pensamos unicamente no nosso bel-prazer, e o mundo que nos sirva. E se na vida prática não fazemos de fato tudo o que queremos, não é porque respeitamos o outro, porque não queremos prejudicá-lo ou porque usamos nossa razão e controlamos nossos desejos. É simplesmente porque não podemos, porque não temos força o suficiente, por medo das conseqüências, por covardia. Não fazemos tudo o que queremos porque não temos poder e energia suficiente para impor nossa vontade a todos, ponto final. Tudo o resto é desculpa para sair bem na foto. Porque sobre aqueles que temos poder, sempre procuramos esmagá-los impiedosamente.

Desde modo, quando fazemos algo temos sempre alguma intenção, na maioria dos casos velada, escondida atrás de máscaras. A frase que ouvimos “você esta com segundas intenções...” não tem o menor sentido prá-

tico: todos temos primeiras, segundas, terceiras ou quantas intenções você quiser para agir; só quem não atua não teve intenções. Assim também, a ação humana não é analisada à luz de conceitos ou idéias abstratas, mas sim de acordo com as circunstâncias de quem age e, sobretudo o que este alguém esperava conseguir quando comparado com o que de fato conseguiu. Conceitos como “amor”, “ódio” e “amizade”, não são coisas divinas: são humanos, demasiado humanos.

A conclusão inicial é que as classificações que uma pessoa dá a outra, os sentimentos que nutrimos uns pelos outros, não tem haver com nomes abstratos ou imagens gerais que nos são ensinadas como se fossem deuses. O que uma pessoa afirma sentir pela outra tem haver com a expectativa que nós cultivamos de que este alguém preencha nosso vazio existencial, ou no mínimo com a maneira como esperamos que algum potencial amante ou amigo contemple nossos interesses, que podem ser sexuais, afetivos, utilitários ou de qualquer outra natureza, ou mesmo de todas estas variáveis juntas ou mescladas.

2

Moral da história: na vida humana existem três formas gerais das pessoas tratarem umas as outras, sempre tendo como referência seus motivos, suas preocupações egocêntricas, que é tudo o que importa a todos nós, submetidos à mesma regra: Ou nós amamos alguém, ou nós odiamos alguém, ou nós somos indiferentes com alguém. Todas as formas de relação humana se resumem nestes três manifestações finais do corpo, ou das necessidades do corpo. A diferença entre amor e amizade é muito mais alegórica ou semântica do que prática e real, visto que poderíamos tranquilamente substituir as palavras nos contextos da vida sem grande perda de significado. Quando muito a diferença é de intensidade, já que as pessoas quando querem se referir a uma relação mais intensa falam em amor, e mais fria falam em amizade. Substancialmente as duas palavras querem dizer praticamente o mesmo, pois dois grandes amigos nunca hesitarão em dizer que se amam, assim como dois bons amantes podem falar que são, acima de tudo, amigos entre si.

Ora, se todos nós nos relacionamos com as pessoas esperando algo em troca, porque é isto o que significa ser um ser humano, a coisa funciona mais ou menos assim: andamos pelo mundo buscando pessoas – nossos potenciais amigos e amantes – que possam preencher nossas incompletudes, sejam elas quais forem. Podem ser de ordem afetiva, ou seja, buscamos um ombro para nos apoiar, buscamos alguém para conversar, buscamos uma pessoa com a qual possamos nos abrir, buscamos alguém com quem possamos nos dar bem sexualmente, buscamos alguém que nos proporcione o prazer que não temos, por aí vai; e podem ser também de ordem puramente utilitária, ou seja, queremos sair da casa dos pais e morar com alguém, queremos um carro para ter uma carona, queremos comer em bons restaurantes, queremos ter roupas boas e esperamos ganhá-las, queremos fama ou notoriedade ao lado de alguém famoso, enfim, as necessidades das pessoas são as mais variadas, e tem haver com aquilo que elas não conseguiram ainda encontrar nos seus outros círculos de convivência em que participam (família, outros amigos ou amantes, emprego, faculdade, etc...). O mais natural é que todos queiram um misto de